

:: Teoria

**:: Heterogeneidade constitutiva
e formações ideológicas**

:: Tira e discurso

GARFIELD - Jim Davis



Fonte: *Folha de S.Paulo*, 06.03.2004, p. E11.

No bees, no honey; no work, no money.

A tira de Garfield é um texto. Isso significa que pode ser analisada como junção de dois planos: o do conteúdo e o da expressão. No plano do conteúdo estão as vozes em diálogo, está o discurso. No plano da expressão está a manifestação do sentido imanente, feita por meio da linguagem sincrética, que integra o visual e o verbal sob uma única enunciação.

Podemos verificar na tira que a preguiça e a indiferença de Garfield diante da provocação do homem feita na pergunta: *Você assume a sua preguiça com muita facilidade, né?* são enfatizadas no plano da expressão tanto por meio da curta extensão da resposta do gato no segundo balão, ou seja, "dá preguiça falar muito", como por meio da total similaridade do traçado do corpo do animal na representação do decúbito dorsal, retomado sem indicação de mudança de posição nos três quadros. Temos intensificado, pela integração do verbal com o visual no plano da expressão, o efeito de imobilidade, que assim configura o animal com um corpo aparentemente morto. Mas não está morto esse gato, o próprio enunciado indica: ele fala, pensa, comunicando-se com o homem. A figura do corpo do gato confirma o imobilismo, mas o pensamento falado o nega. O contínuo e inalterado decúbito dorsal, que desenha no corpo do gato o imobilismo da morte, acaba por configurar-se como: incongruente, diante da transformação prevista para o gato devido à troca de quadros; descompassado, diante das alterações das expressões faciais do homem-interlocutor (boca ora aberta, ora fechada); desconforme, diante das variadas tomadas de perspectiva do corpo do mesmo homem. Nas inadequações, firmam-se estratégias enunciativas que constroem um mundo ao revés: o mundo do riso.

Esse imobilismo, tematizado no plano do conteúdo com a proposição da preguiça como um modo possível de ser, é concretizado e emblematizado, ainda no plano do conteúdo, na figura de Garfield. Temas e figuras são dados do plano do conteúdo dos textos. Esse imobilismo, por sua vez, é enfatizado visualmente no plano da expressão por meio dos traços inalterados do decúbito dorsal, como vimos. Entretanto, o pensamento do gato nega o próprio imobilismo, ao firmar para Garfield a imagem do sujeito esperto, dotado de inteligência tão célere, que o instrumentaliza para poder e saber debochar do homem.

Articulado à preguiça e diagnosticado na fala do homem em tom de censura, *Você assume a sua preguiça com muita facilidade, né?*, o imobilismo remeteria já no primeiro quadro a uma sanção negativa feita pelo homem em relação ao gato, destinatário que não partilha com o destinador os valores da importância do trabalho, da necessidade do exercício físico, da obrigação de sentir-se útil etc.

A ordem das coisas estaria confirmada no discurso: o homem repreenderia efetivamente o animal pelo pecado da preguiça e, ao proceder assim, manteria confirmada a ideologização da preguiça como algo desprezível. Todavia, a tira subverte a ordem prevista, pois é por meio desse mesmo imobilismo que o gato acaba por ironizar o homem e, ao fazê-lo, acaba por sancionar negativamente o próprio homem, dado discursivamente como um fraco, tolo e ingenuo. A ordem fica subvertida pelo aparente *nonsense* da cena narrada. A enunciação, usando a figura de Garfield para subverter o *status quo*, desestabiliza os modelos gerais de coisas, fatos e pessoas, os estereótipos, enfim.

Vejamos mais atentamente como o gato ironiza o homem. Primeiramente, nota-se que a última palavra é a do gato, ou seja, Garfield venceu o embate conversacional. Depois, nota-se que, na resposta, o gato assume duas vezes a própria preguiça: no segundo e no terceiro quadros. *E.* (segundo quadro); essa asserção pausada, devido ao uso do ponto final e devido ao corte pressuposto à mudança de quadro, apresenta-se seguida de: *Se não fosse fácil, eu teria preguiça de assumir* [a preguiça] (terceiro quadro). A organização da fala do gato, deixando a resposta bipartida, reforça no plano da expressão a lentidão do dizer, incorporada à própria preguiça, que se apresenta aliada à tranquilidade e à indiferença. Estas últimas paixões supõem um não querer ser e um não querer fazer segundo o *outro*, isto é, segundo a pressão exercida pelo *outro*. Fica assim configurada a ineficácia da repreensão do homem.

A pausa na fala do gato, reiterada então no plano da expressão e homologada às paixões citadas, dadas no plano do conteúdo, contribui para mostrar o animal como o assumidamente preguiçoso; além disso, tranquilo e indiferente. Ao ironizar o sujeito censor, o gato esvazia o discurso da censura e as paixões que lhe são próprias, como o medo e a insegurança, desdobramentos da culpa. A reiterada assunção dos próprios valores, efetivada pelo gato, verdadeiramente confirma a inutilidade da manipulação do homem, que não conseguiu fazer o animal crer na própria falta.

Finalmente, o gato ironiza o homem por meio da imagem da imobilidade redundantemente ostentada no visual, a ponto de fazer o próprio imobilismo do corpo deitado beirar a hipérbole e, com ela, confirmar-se o efeito do humor. Diante disso, torna-se deslocada a seriedade: do homem e de seu discurso, dada na repreensão feita pelo homem no primeiro balão e reiterada no plano da expressão dos balões subseqüentes por meio dos traços da expressão facial e corporal do homem: boca arqueada para baixo, dorso inclinado para a frente, os olhos de pálpebras caídas, braços caídos, tudo para ressignificar um

sujeito curvado sob o peso da própria repressão, diane do gato relaxado. Mas censura e homem censor acabam por configurar-se como tolice, para manter o efeito da subversão pelo humor.

A desestabilização de um mundo tido como pronto e acabado, o mundo das transparências de sentido, fica confirmada na tira com o recurso da ambigüidade na construção do protagonista *gato*, que é gato e é também humano, já que pensa e fala e, mais que isso, é mais esperto que o homem, já que acaba por ironizá-lo. Essa desestabilização é ainda confirmada por meio do acréscimo de um segundo sentido à palavra *facilidade*, dada na fala do homem como a falta de escrúpulos do gato para assumir a própria preguiça e ressemantizada na última fala do gato como ausência de esforço físico. Nesse universo de ambigüidades, torna-se avantajada a opacidade da tira como um texto que se afasta do sentido apresentado como o que está à mão, no imediatismo daquilo que se supõe pronto, transparente e acabado. Vale lembrar que, na tira, o homem, ao tentar manipular o gato para que o animal se sentisse culpado diante da própria preguiça, acaba sendo manipulado pelo gato, este sujeito que contribui para que o homem seja apresentado como um fracote. Assim, a própria ideologia da culpa é contestada por meio de um discurso em que, pela mobilidade de um modo de dizer, confirma-se o tom brincalhão da voz do sujeito da enunciação.

:: Formações ideológicas

No plano do conteúdo, no qual se aloja o discurso, concentram-se então as estratégias do sujeito para, por meio do efeito de sentido do humor, criticar quem se esfalfa para obter lucro e quem se submete à obsessão por trabalhar ininterruptamente a fim de ganhar sempre e mais dinheiro, de acordo com o ideal de determinadas formações ideológicas; ou, remetendo ainda polemicamente a outras formações ideológicas, criticar quem se submete ao medo da punição divina devido a pecados cometidos (a preguiça, segundo o discurso religioso, é pecado capital); e, ainda, criticar quem se entrega ao trabalho como a uma redenção ou a um chamamento divino. (*Qui travaille prie.*⁶)

A tira de Garfield polemiza então determinadas formações ideológicas, como a que reúne atitudes, representações e práticas segundo as quais o trabalho é obrigação moral e segundo as quais o homem tem de produzir para ganhar dinheiro; e ganhar dinheiro para consumir, como está projetado no provérbio *No bees, no honey; no work, no money*.⁷ É dessa formação ideológica, para a qual trabalhar é ganhar dinheiro e ganhar dinheiro se apresenta como a meta última da vida do

homem, que a tira se afasta. A tira de Garfield responde também de maneira divergente a formações ideológicas segundo as quais o trabalho, como vocação divina, é prática redentora para o homem e condição *sine qua non* para sua dignidade. A tira faz isso, ao brincar com um ator-personagem-gato, que pode e sabe transformar o pecado capital em direito: a preguiça.

Esses sistemas de representações, de normas, de regras e preceitos, que procuram não só explicar a realidade como regular o comportamento dos homens, são as formações ideológicas. Esses sistemas são sociais, já que articulados por classes sociais e reúnem valores, que constroem o mundo, ao categorizá-lo. Esses sistemas são feixes de imagens das coisas e dos homens e, criados por uma ideologia dominante, sustentam-se graças às instituições, como escola, família, religião, e graças aos meios de comunicação de massa. Esses sistemas, internalizados como verdades universais e não como crenças criadas pelo homem, representam interesses políticos e econômicos dominantes em uma época. Assim, as formações ideológicas, ao ditar o que pensar, o que sentir, o que fazer, governam os discursos, onde se materializam por meio não apenas do recorte temático e figurativo do mundo, mas também pelo modo de usar os temas e as figuras, como temos visto com o tema *trabalho* e percursos figurativos que o sustentam nas cenografias discursivas das tiras jornalísticas de HQS e dos provérbios.⁸

A propósito, ao ser designada a formação ideológica, fala-se em *formação*, porque é considerado um conjunto sistemático de idéias e valores; porque é pensado um corpo lógico e coerente de representações; porque é reconhecido um sistema estável de interpretações; porque são lembradas regularidades de procedimentos; porque é concebido um conjunto organizado de prescrições e normas, conjunto que dita deveres, quereres, poderes e saberes a indivíduos, assim arrebanhados e assujeitados pelos interesses das "classes sociais em conflito umas com as outras".

Cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são individuais nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, às posições de classes em conflito umas com as outras.⁹

A propósito, ainda, as representações, que embasam as formações ideológicas, são simbólicas, ou seja, resultam de operações conceituais próprias ao homem, tido como sujeito linguageiro; sujeito feito *na e pela* linguagem. "O homem inventa e compreende símbolos; o animal, não", diz Benveniste, ao alertar para o fato de que "o animal exprime as suas emoções, mas não pode nomeá-las".¹⁰

Não é possível encontrar nos meios de expressão empregados pelos animais um começo ou uma aproximação da linguagem. Entre a função sensório-motora e a função representativa, há um limiar que só a humanidade transpôs.

São essas representações que fazem uma montanha, para uns, ser o lugar bucólico de encontros amorosos; para outros, o lugar de exploração de minério; para outros, o lugar do medo das alturas. São essas representações que, ditadas culturalmente, categorizam o mundo. "A mesma realidade, a partir de experiências culturais diversas, é categorizada diferentemente". Essas representações, resultado da capacidade simbólica inerente à capacidade de pensar, orientam a categorização do mundo, reproduzindo idéias e valores que, propugnados culturalmente, constroem o que parece que há. Essas representações, repetimos, são dadas na linguagem e pela linguagem, atributo humano. Benveniste, ao discorrer sobre o poder fundador da linguagem, para destacar o elo entre o homem, a língua e a cultura, assim se expressa:

O fato de existir semelhante sistema de símbolos revela-nos um dos dados essenciais, talvez o mais profundo, da condição humana: o de que não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. É preciso haver um intermediário, esse aparato simbólico, que tornou possíveis o pensamento e a linguagem. Fora da esfera biológica, a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano.¹²

Essas representações, por fim, refletem visões de mundo que, não-individuais nem universais, são advindas de classes sociais em confronto, como vimos. As classes sociais dominantes, por sua vez, reunidas por estilos de vida reprodutores de gostos e hábitos que dizem respeito ao poder econômico, perpetuam o aparato simbólico, que acaba por se configurar como a única forma de pensar: o modo de pensar dominante. Essas representações confirmam determinada ideologia ou "a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social", que é como Fiorin define a própria ideologia.¹³

Importa ressaltar que as formações ideológicas, vinculadas à visão de mundo das classes, sociais, não se constituem como dados obtidos fora da linguagem, a qual, humana por excelência, define-se como atividade simbólica: "As palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo".¹⁴ Importa por fim sintetizar com Chauí a própria concepção de ideologia:¹⁵

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.

As formações ideológicas que, fundadoras dos provérbios, são confrontantes com aquelas que respaldam a tira de Garfield estão exemplarmente discursivizadas tanto no provérbio *No bees, no honey; no work, no money*, como em *Mãos desocupadas, oficina do demônio*. São formações ideológicas que, materializadas em formações discursivas, as quais por sua vez reúnem pontos de vista sob temas e figuras, subsidiam tanto o imaginário do sucesso articulado ao lucro, quanto o imaginário da culpa articulada à necessidade de redenção; ou, ainda, o imaginário da purgação necessária, dada por meio do sacrifício.

A propósito, o provérbio *No bees, no honey; no work, no money* manteve-se citado em inglês para que se preservassem ritmo e rima dados no plano da expressão. Ritmo e rima são excelentes recursos mnemônicos do gênero *provérbios*, que se firma simultaneamente como apresentação de verdades irreversíveis e como proposição da imagem de um sujeito detentor de certezas universais. Ritmo e rima ratificam o paralelismo sintático para que no plano da expressão possa ser enfatizado o mundo tido como inteiramente penetrado por uma visão onisciente: do enunciador e do enunciatário; o mundo do sentido indubitável.

Voltando à tira de Garfield, destaca-se, na textualização, o diálogo entre os atores do enunciado, dado por meio de balões, como coerção material dos textos encerrados no gênero *HQS*. Por sua vez, da imanência discursiva, depreende-se o sujeito da enunciação que, ratificando o lugar social de onde fala, para quem fala e por que fala, faz crer em valores contrários aos propostos por uma formação ideológica dada a crer e a fazer crer num mundo de inquestionabilidades, discursivizado pelos provérbios que, por sua vez, convergem ideologicamente para o discurso da Bíblia Sagrada: *Com o suor do teu rosto comerás teu pão*.¹⁶ Para a enunciação da tira, o trabalho tem de ser dessacralizado e o afã em função do trabalho tem de ser ridicularizado. Para a enunciação do provérbio, o modo de valorizar o trabalho é contrário. Importa destacar que, nesse cotejo, fica demonstrado o diálogo entre enunciações, que resulta em enunciados dialógicos. Fica confirmado que o sujeito somente existe como resposta ao *outro*. Por essa razão, sujeito e discurso são heterogeneamente constituídos.

Já que um responde ao outro, já que o avesso de um são as crenças do outro, tira e provérbio encerram em si as polêmicas que os constituem, porque remetem a formações ideológicas confrontantes, porque materializam formações discursivas confrontantes. Por conseguinte, o sujeito da enunciação da tira e do provérbio não podem ser pensados, cada qual, como sujeito homogêneo. Sujeito e discurso confirmam-se como heterogeneamente constituídos, seja qual for a totalidade discursiva considerada para análise.

:: Provérbios¹⁷

O preguiçoso é irmão do mendigo
Hoje preguiçoso, amanhã mendigo.
O cérebro ocioso é oficina do diabo.
Quem tem ofício tem benefício.
Quem madruga Deus ajuda.

Au paresseux laboureux, les rats mangent le meilleur.
Ao lavrador preguiçoso, os ratos lhe comem o precioso.
Al lavoratore trascurato, i sorci mangiano il seminato.

Il faut travailler, que veut manger.¹⁸
Chien qui chemine ne meurt pas de famine.¹⁹
Qui travaille, prie.
He that will not work, shall not eat.²⁰

Para a construção do gênero *provérbios* ressaltam-se regras como: a organização do plano da expressão, isto é, a organização textual e lingüística, apresentada por meio de uma frase, um período simples, formado de uma única oração com sujeito e predicado, como é o caso de *O cérebro ocioso é oficina do diabo*, ou, o que é mais freqüente, um período composto, formado de duas orações, como é o caso de *Quem madruga Deus ajuda*. A estrutura binária está subjacente a ambos os casos: sujeito / predicado (verbo mais complemento); oração principal / oração subordinada ou oração subordinada / oração principal; oração coordenada assindética / oração coordenada assindética. Importa que essa organização sintática binária, dada no plano da expressão dos provérbios, contribui para o efeito de engessamento das representações dadas no plano do conteúdo.

Dessa maneira, nos provérbios, uma aparente síntese de pensamentos perpetua interpretações moralistas sobre o mundo e sobre os seres humanos dados em suposta universalidade, o que significa despidos de características tanto

particulares como de classes sociais. Dessa maneira, ainda, é reforçado no plano da expressão o simulacro de um sujeito radicado prioritariamente no dever: dever fazer e dever ser. Eleita como prioritária a modalidade do dever, consolida-se no provérbio um sujeito mostrado como o prudente e o virtuoso. Já que o sujeito da enunciação se biparte em enunciador e enunciatário, prudente e virtuoso, no gênero *provérbios*, tanto é aquele "que fala" como aquele "que escuta", embora saibamos quão reversíveis são esses lugares de "quem fala" e de "quem escuta".

O que vale é que uma ética de suposta transparência funda o simulacro tanto de um sujeito que parece dizer e explicar tudo, como o simulacro de um mundo fixamente colocado no devido lugar. Perpetuando um modo de presença próprio ao senso comum, visto o senso comum como conjunto de crenças cristalizadas, tidas como inquestionáveis, o gênero *provérbios* afirma-se como aparentemente mais monológico e, portanto, menos dialógico do que as tiras humorísticas de HQS, o que remete, nos provérbios, a um aparente abafamento da polêmica de vozes que constituem enunciado e enunciação. Essas vozes, que são sociais, e que constituem todo e qualquer sujeito, bem como todo e qualquer discurso, fazem com que o centro discursivo se constitua pelo não-centro. Mas o provérbio constrói um sujeito aparentemente mais autocentrado, enquanto a tira jornalística, um sujeito aparentemente mais decentrado. Simulacros. A propósito, se a cristalização de um modo de pensar e de sentir impede que se construam novos conceitos sobre as coisas e impede que as coisas sejam vistas para além das aparências, o que funda o preconceito, o gênero *provérbios* reproduz e perpetua um sistema de preconceitos.

:: Provérbios e HQS: a heterogeneidade constitutiva

A heterogeneidade é característica dos discursos. Os discursos, por sua vez, escolhem os gêneros, tanto para compor a cena enunciativa, que visa a fazer crer, como para atender às próprias coerções de uma semântica global. Comparado o discurso dessas tiras humorísticas de jornal com o discurso desses provérbios, todos recém-transcritos, ratificamos, pressuposto a cada uma das totalidades discursivas, um sujeito que se constitui como o avesso do outro. É contrário o modo de presença no mundo que emerge de cada uma dessas totalidades. Cada um dos sujeitos enfeixa valorizações sociais e ideológicas diversas e cada totalidade discursiva remete a diferentes regras de conduta, propostas como expectativas de determinados segmentos sociais. Assim se representa a

dessacralização / sacralização do trabalho respectivamente para essas tiras e para esses provérbios, ora examinados.

Mas cumpre destacar que o sujeito pressuposto à tira parece e é heterogeneamente constituído. Esse sujeito, dado a questionamentos dos saberes e deveres perpetuados pelo senso comum, é depreensível do enunciado da tira, em que a ambigüidade do modo de dizer rastreia a ambigüidade na construção dos atores-personagens: temos um gato que pensa e, ao pensar, comunica-se com o homem; temos um gato que, contrariando as crenças **pre-**estabelecidas, não só é mais inteligente que o homem, como debocha do homem. Temos construído no enunciado o efeito do humor que, potencializador da ambigüidade, subverte a ordem aparente do mundo, tumultuando o simulacro do que é dado como previsível e racionalmente organizado.

O sujeito pressuposto aos provérbios citados também é heterogeneamente constituído, já que não existe o *eu* sem o *outro*; é heterogeneamente constituído, mas não parece sê-lo. A heterogeneidade constitutiva do sujeito do provérbio permanece em segredo. Confirma-se, nessa totalidade, a reprodução de suposta fixidez da ordem das coisas e dos seres humanos, dados todos por meio de outro simulacro: o da reunião de tudo que existe num sentido absoluto. Assim, o juízo do senso comum encontra excelente recurso no plano da expressão dos provérbios, que finca o mundo em ilusória estabilidade. Por meio do uso recorrente daquilo que as gramáticas chamam predicado nominal, formado do verbo de ligação *ser* seguido de um predicativo do sujeito, como em *O preguiçoso é irmão do mendigo*; por meio do uso recorrente da desinência modo-temporal do presente do indicativo dos verbos que, acoplada à desinência número-pessoal de terceira pessoa, ratifica a imagem de objetividade e de distanciamento do enunciador em relação ao próprio enunciado e em relação ao enunciatário-leitor, o provérbio firma a ilusão de asserções universais e de distanciamento do sujeito da enunciação. Essa ilusão é compatível com o lugar ocupado por um sujeito que quer parecer falar das alturas, por veicular verdades tidas como gerais e irreversíveis. O uso do tempo presente para os verbos reveste-se no gênero *provérbios* do aspecto de um presente ilimitado, que ocorre em todos os tempos: o presente omnitemporal ou gnômico.²¹ Assim, o gênero *provérbio* constrói em si um lugar enunciativo de acúmulo de autoridade discursiva. Por isso um discurso que pretende mostrar o mundo como estável vale-se de provérbios. O senso comum aplaude e agradece.

Confrontam-se, pois, tiras de HQS e provérbios, como totalidades discursivas, já nas regras que comandam o plano da expressão dos textos. Quanto a essas coerções próprias à materialidade textual, para além dos comentados balões que

dessacralização / sacralização do trabalho respectivamente para essas tiras e para esses provérbios, ora examinados.

Mas cumpre destacar que o sujeito pressuposto à tira parece e é heterogeneamente constituído. Esse sujeito, dado a questionamentos dos saberes e deveres perpetuados pelo senso comum, é depreensível do enunciado da tira, em que a ambigüidade do modo de dizer rastreia a ambigüidade na construção dos atores-personagens: temos um gato que pensa e, ao pensar, comunica-se com o homem; temos um gato que, contrariando as crenças pré-esrabelecidas, não só é mais inteligente que o homem, como debocha do homem. Temos construído no enunciado o efeito do humor que, potencializador da ambigüidade, subverte a ordem aparente do mundo, tumultuando o simulacro do que é dado como previsível e racionalmente organizado.

O sujeito pressuposto aos provérbios citados também é heterogeneamente constituído, já que não existe o *eu* sem o *outro*; é heterogeneamente constituído, mas não parece sê-lo. A heterogeneidade constitutiva do sujeito do provérbio permanece em segredo. Confirma-se, nessa totalidade, a reprodução de suposta fixidez da ordem das coisas e dos seres humanos, dados todos por meio de outro simulacro: o da reunião de tudo que existe num sentido absoluto. Assim, o juízo do senso comum encontra excelente recurso no plano da expressão dos provérbios, que finca o mundo em ilusória estabilidade. Por meio do uso recorrente daquilo que as gramáticas chamam predicado nominal, formado do verbo de ligação *ser* seguido de um predicativo do sujeito, como em *O preguiçoso é irmão do mendigo*; por meio do uso recorrente da desinência modo-temporal do presente do indicativo dos verbos que, acoplada à desinência número-pessoal de terceira pessoa, ratifica a imagem de objetividade e de distanciamento do enunciador em relação ao próprio enunciado e em relação ao enunciatário-leitor, o provérbio firma a ilusão de asserções universais e de distanciamento do sujeito da enunciação. Essa ilusão é compatível com o lugar ocupado por um sujeito que quer parecer falar das alturas, por veicular verdades tidas como gerais e irreversíveis. O uso do tempo presente para os verbos reveste-se no gênero *provérbios* do aspecto de um presente ilimitado, que ocorre em todos os tempos: o presente omnitemporal ou gnômico.²¹ Assim, o gênero *provérbio* constrói em si um lugar enunciativo de acúmulo de autoridade discursiva. Por isso um discurso que pretende mostrar o mundo como estável vale-se de provérbios. O senso comum aplaude e agradece.

Confrontam-se, pois, tiras de HQS e provérbios, como totalidades discursivas, já nas regras que comandam o plano da expressão dos textos. Quanto a essas coerções próprias à materialidade textual, para além dos comentados balões que

encerram falas em diálogo, nas HQS está o uso da variante coloquial da língua, exemplificado na expressão fática *né?*, que encerra a fala do homem, variante essa que não encontra ocorrência na realização lingüística dos provérbios cotejados, dados ao uso de uma norma culta, em situação de formalidade. Mas destaca-se o confronto discursivo, o que significa um confronto dado no plano do conteúdo dos textos, em que as vozes se digladiam na imanência discursiva, o que significa sem ser mostradas textualmente. Esse é o fenômeno que respalda a heterogeneidade constitutiva do discurso e do sujeito.

No discurso, cada uma das totalidades constrói mundos diferentes: um que se contrapõe à fixidez do dizer e do dito, as tiras jornalísticas de HQS examinadas, outro que reproduz essa fixidez, os provérbios examinados; um que instaura a mobilidade do riso, outro que dela se afasta. O que vale é destacar que cada totalidade traz na própria constituição as muitas vozes que representam os muitos modos de valorizar ideologicamente os valores representativos de objetos de desejo socialmente determinados. Tivemos como exemplo a diferente valorização dada ao trabalho.

Temos visto que nenhum sujeito é soberano ou original, já que firmado como contínua resposta ao *outro*. Desse modo o sujeito prudente e virtuoso pressuposto aos provérbios observados, ou o sujeito brincalhão e subvertedor, pressuposto às tiras jornalísticas consideradas, é dialógico. Cada totalidade discursiva cotejada pressupõe, portanto, não só um sujeito heterogeneamente constituído, mas também um conjunto de discursos heterogeneamente constituído. Assim considerado, o discurso consolida-se como um fenômeno ideológico, pois reproduz o conjunto de representações que, articuladas por classes sociais, são simbólicas e, ao interpretar e categorizar o mundo, acabam por ditar ao sujeito o que pensar, o que sentir e o que fazer.

Reproduzem-se a seguir outras tiras de Garfield que, versadas sobre o mesmo percurso temático, *a libertação do homem diante da obsessão pelo trabalho*, figurativizam cenas diversas, que acrescentam temas como: a possibilidade de não querer fazer exercício físico e de não querer sair do lugar. Confirma-se outrossim uma outra totalidade, não circunscrita às tiras ora reproduzidas, mas subjacente a elas: o estilo *Garfield*. Um todo, que está nas partes, representa um modo recorrente de ser, pressuposto a um modo recorrente de dizer. A totalidade discursiva *tiras de Garfield*, considerada sob o efeito de individualidade do sujeito enunciador depreensível do enunciado de cada tira e de todas elas em conjunto, oferece, na assinatura Jim Davis, um meio de ratificar "o homem", que é o estilo. O autor da tira, como o sujeito construído pela totalidade *Garfield*, é o próprio estilo *Garfield*. no enunciado e na enunciação.

GARFIELD - Jim Davis

Hf •B	VOCÊ HÃO TEM MUITA COISA PRA SE PREOCUPAR, TEM?	YJ j†	ÍR . . (CLARO QUE < r TEMHO	A K ^.	EU ME PREOCUPO SI; POSSO DISTENDER UM MUSCULO QUANDO PISCO	fN
			^ ^ ^ ^	-	∞	

Fonte: *Folha de S.Paulo*, 25.05.2004, o. E7.

GARFIELD Jim Davis

7 E PODE ACREDITAR \
AJANDO o reo

Tfff T ^ v

Fonte: *Folha de S.Paulo*, 06.11.2003, p. E11.

Reproduzem-se ainda outras tiras que, apoiadas em outro tema, *a vergonha necessária a interação humana*, brincam não só com as atitudes moralistas dos provérbios reunidos sob esse tema, como tomam para a derrisão o lugar de inquestionabilidade ocupado pelo sujeito da enunciação desses provérbios; lugar compatível, aliás, com o papel daquele que se reveste do simulacro de quem transmite saberes e crenças preciosas, de geração a geração, na garantia de um modo de ser: firme, o que significa o não-indagador; sábio, o que significa o sem-dúvidas; não-ingênuo, o que significa o sujeito que percebe as coisas pela aparência e se contenta com ela; esperto, o que significa o sujeito rápido no julgamento dos fatos; lógico, o que significa o sujeito que reorganiza o mundo pela relação de causa e efeito: *onde tem fumaça tem fogo*.

OS PESCOZUDOS - Caco Galhardo



Fonte: *Folha de S.Paulo*, 23.03.2004, p. E7.

Quem não tem vergonha não tem honra.
Sem pudor não há virtude nem honestidade.

Diz Bakhtin que a "consciência constitui um fato socioideológico", o que consolida a concepção de um sujeito heterogeneamente constituído e de um discurso formado por meio da interiorização de outros discursos. Prossegue o autor:²²

O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenómeno puramente socioideológico.

Retomando o recorte feito do mundo pelas crenças e pontos de vista a respeito do trabalho, do que advém a tematização da preguiça como algo imoral nos provérbios e como direito nas HQS, acrescenta-se que os provérbios discursivizam em segredo estes percursos temáticos que seguem: *só é pobre quem quer; há trabalho honesto para todo mundo*. Esses percursos temáticos não são trazidos para a figurativização do discurso dos provérbios, quando asseveram: *// faut travailler, qui veut manger. Chien qui chemine ne meurt pas de famine*. Respeitado o paralelismo dado no plano da expressão pelas rimas e pela estrutura binária do período composto, temos nesses mecanismos de construção do sentido, exemplares estratégias discursivas realizadas para submeter, por meio de crenças e idéias, o próprio trabalhador. Esse trabalhador, aliás, tem a voz omitida nos provérbios apresentados sobre preguiça e trabalho. Mas para que dar voz ao trabalhador, num universo em que é inadmissível pensar em coisas como a exploração do trabalho para criar capital? A voz que se ouve nesses provérbios parece ser a de um pensador transcendente, mas na verdade é a de um sujeito que, dado como de uma elite "pensante", é filiado a formações ideológicas burguesas: o intelectual, sujeito tido como investido de dons especiais e cuja missão no mundo é ensinar os "menos inteligentes", não por acaso, os trabalhadores braçais. Assim a cenografia instituída nos provérbios se irmaniza à cenografia religiosa, em que um deus transcendente determina a futura salvação ou danação para as pessoas.

Mantêm-se contrários os discursos examinados, das tiras jornalísticas e dos provérbios, porque estes e não aquelas perpetraram o simulacro de um mundo absoluto e imediatamente compreensível, transparente e inquestionável, inteiramente penetrado e penetrável por nossas opiniões e conhecimentos. Os provérbios, diferentemente das tiras jornalísticas em questão, não toleram o complexo, o opaco; por isso o preconceito, que cobra o efeito de familiaridade e de imediata compreensão para o sentido, é tributário deles. É por meio desse

gênero que grassam paixões sintagmatizadas por um não-querer-ser segundo a própria identidade, o que nega a coragem e o arrojo; um não-poder-ser segundo as tendências íntimas, o que sustenta a insegurança. Entre os discursos aqui contemplados, é aquele que se vale do gênero *provérbios* e não naquele que se vale do gênero *tiras de HQS* que se perpetuam equações passionais orientadas pelo medo emparelhado à esperança: medo de que desgraças e coisas não boas ocorram; esperança de que vitórias e não fracassos aconteçam. Essas paixões assim discursivizadas alimentam preconceitos.

Sabe mais quem fala menos.

Em boca calada não entra mosca.

Copyright© 2005 Norma Discini

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

Montagem de capa e diagramação

Gustavo S. Vilas Boas

Revisão

Lilian Aquino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Discini, Norma

A comunicação nos textos / Norma Discini. 1ª ed.,
1ª reimpressão — São Paulo : Contexto, 2007.

Bibliografia.

ISBN 85-7244-285-5

1. Análise do discurso 2. Comunicação
3. Crítica de texto 4. Lingüística 5. Semiótica
6. Textos I. Título.

05-0318 _____ CDD-401.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação nos textos : Semiótica :
Lingüística 401.41
2. Textos : Comunicação : Semiótica : Lingüística
401.41
3. Textos : Leitura : Semiótica : Lingüística
401.41
4. Textos : Produção : Semiótica : Lingüística
401.41

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 - Alto da Lapa
05083-030 - São Paulo - SP

PABX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

2007

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

